

1 UM NOVO OLHAR PARA A ESCOLA E O CONTEXTO EDUCACIONAL

¹Daiana Raquel Paschoali

Ao refletir sobre a escola e o sistema educacional, torna-se necessário pontuar algumas vivências e situações, compreendendo-se e envolvendo-se nesse processo educativo. Quem somos e a que cultura pertencemos? Como educamos e como somos educados? O que é a escola e qual seu objetivo, enquanto instituição escolar envolvida no contexto social? São questionamentos a serem considerados no momento em que nos propomos a pensar esta escola.

Há algum tempo, venho realizando um exercício de leitura, reflexão e discussão, sobre questões e características que envolvem a escola e o sistema educacional, os quais são caracterizados por subjetividades e fragmentações. Levando em consideração tal contexto, acredito que pertencer a essa estrutura, significa envolver-se com ela, ser direcionado e direcionar a mesma, ou como nos coloca Mário Osório Marques (2006) situar-se nesta instituição como ser instituído ou instituinte ².

Esta instituição não necessariamente precisa ser a escola. Sabe-se que o processo de aprendizagem não acontece só na estrutura escolar. Ele acontece também nos diferentes e diversificados espaços sociais. Marques (2006) descreve que a aprendizagem comporta e acontece em distintos lugares sociais, e âmbitos linguísticos como: âmbito da família; no seio dos grupos de iguais; na esfera do poder público articulado pelo estado; na esfera da sociedade civil e nos espaços públicos da práxis política, sendo que cada um desses âmbitos linguísticos cumpre uma dimensão de aprendizagem diferente.

Articulando essa discussão, cito Savater (1998, p. 51) o qual ao descrever sobre educação indireta nos coloca que “[...] embora de nível mínimo, todos nós sejamos professores em alguma ocasião”. Penso que essa colocação de certa forma reforça a possibilidade da aprendizagem acontecer fora da escola, na rua, em casa, no contato com os grupos, enfim nas relações humanas. É justamente nesse contexto que surge o

¹ Daiana Raquel Paschoali. Pedagoga. Mestranda em Educação nas Ciências. Professora do curso de Pedagogia da FAI Faculdades. daianaedu@hotmail.com

² Para Marques (2006) os aspectos que caracterizam um sujeito instituído é a imobilização, ou seja, um sujeito instituído é aquele que imobiliza. Já um sujeito instituinte é que lhes dá sentido a vida, que lhes impulsiona e conduz.

papel da escola, a qual entre tantas outras funções necessita ensinar as ciências da alta complexidade. (SAVATER, 1998)

Pensando sobre, precisamos reconhecer que a aprendizagem construída e estruturada em âmbitos propicia a formação de um sujeito plural e subjetivo, o qual revela a necessidade de uma reestruturação escolar, que permita um novo olhar, uma nova possibilidade de participação e envolvimento.

Lembro-me como se fosse hoje, da escola que frequentei por muitos anos, de alguns conteúdos trabalhados e de algumas vivências realizadas. Recordo de muitos detalhes, dentre eles como era organizada, como sentávamos em sala de aula, o que conversávamos o que estudávamos e como nos chamavam a atenção.

Marcou-me muito a fala de uma professora de português, no momento de sua explicação referente ao sujeito e predicado da frase. Ela explicou, lendo no livro a definição do mesmo, e eu não entendi sua explicação, não porque estava conversando, mas porque não havia compreendido a utilização destes na frase. Então solicitei que explicasse novamente e ela explicou lendo novamente no livro, dando os mesmos exemplos. E eu mesmo assim, não entendi. Falei outra vez que não havia entendido, e ela em tom irritante disse-me: “Como você não entendeu ainda menina, preste mais atenção, já falei várias vezes”. Decepção e vergonha à frente dos colegas me fez calar, permanecendo com dúvidas que carrego até hoje.

Refletindo sobre e pensando em tantos outros casos descritos por aí, será que poderíamos dizer que os conteúdos por si só respondem as necessidades dos alunos? Esses conteúdos garantem a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade? Ou a relação entre professor e aluno, bem como a metodologia utilizada para a mediação é o que realmente torna este conteúdo interessante e instigante?

A relação instituída entre eu aluna e a professora, foi uma relação de afastamento, pois a resposta direcionada bloqueou qualquer possibilidade de negociação e formação de nova aprendizagem. Ao pensar sobre me pergunto: Que tipo de instituição é esta, ou melhor, que profissionais da educação estão trabalhando nela? Que tipo de cidadão a escola quer formar e qual é o cidadão formado? Existe a possibilidade de pergunta? Que professor é este que só sabe explicar e dar a resposta do livro? Qual é a intencionalidade da escola?

Claro que não podemos generalizar, mas absurdos como estes acontecem e fazem da escola, lugar de repreensão e fechamento. Afinal para que serve a escola? Qual a possibilidade de sermos instituintes escolares? Qual a abertura para a pergunta,

para a crítica? Qual vontade e intencionalidade do professor? Será que realmente, estão preocupados com a aprendizagem ou com a necessidade de cumprir e vencer alguns conteúdos?

A escola e os educadores envolvidos nela precisam e urgentemente,

[...] começar a dar mais atenção a este momento instituinte da instituição escolar e é necessário fazê-lo tendo em vista a capacidade imaginativa de criar e transformar de transcender o mundo dado à experiência, antes de assumi-lo, como responsabilidade própria, nos horizontes das possibilidades abertas nos muitos campos da sensibilidade e do saber, da ação e da emoção conjugadas, nos muitos tempos e lugares da aprendizagem. (MARQUES, 2006, p. 91)

Mudanças são necessárias, porém a abertura para estas são imprescindíveis. Enquanto a equipe docente não estiver preparada para tal ação, muitos alunos ficaram no vácuo, como fiquei em relação à pergunta sobre predicado e sujeito.

Ocupando neste momento a posição de educador, penso que outro ponto de fundamental importância é compreender e valorizar as diferenças culturais presentes e envolvidas no espaço escolar. A pergunta feita inicialmente: Quem somos e a que cultura pertencemos? necessita de atenção e compreensão.

Uma escola, onde o professor finge que ensina e o aluno finge que aprende não tem espaço para acontecer. Para tanto observar o aluno e de onde este vem, propõe total aceitação e internalização cultural. E falar em cultura e identidade atualmente, nos remete pensar sobre conceitos como hibridismo, diáspora, fundamentalismo, globalização, cultura unificada, cultura global e local, fragmentações, subjetividades e comunidades imaginadas.

Conceitos esses muito bem definidos e dialogados por Hall (2003), o qual nos instiga a analisar e refletir sobre a descentralização do sujeito e o surgimento de uma “crise de identidade”.³

Vivemos na pós-modernidade e o sujeito pós-moderno se constitui e é formado pelas interações, não tendo esta uma identidade fixa, estável ou permanente, pois se constitui nas relações e “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2003, p. 13).

Essa diversificação cultural necessita ser observada, analisada, compreendida e inserida no trabalho pedagógico, pois “a aprendizagem em que se constitui o homem

³ Para Hall (2003) a crise da identidade revela-se, pois as velhas identidades, que por tanto tempo consolidaram o mundo social, estão em queda, o que acelera o surgimento de novas identidades e fragmenta o sujeito moderno, que até este momento era isto como um sujeito unificado.

genérico, e nele o homem-indivíduo e sujeito singularizado, não se dá em um meio natural e sociocultural homogêneo e amorfo”. (MARQUES, 2006. p. 53)

Nesse sentido, como eu enquanto educador visualizo e compreendendo este ser humano/aluno? Abro espaço para a pergunta ou simplesmente finjo que o reconheço e o aceito? A partir do momento que compreender tais conceitos, bem como a necessidade de trabalho diferenciado, estarei possibilitando aos mesmos visões e participações diferenciadas e significativas.

Afinal para que serve a escola, senão para acolher, trabalhar, ensinar e aprender com este sujeito fragmentado e subjetivo, possibilitando a participação e envolvimento na proposta pedagógica reconhecendo-o como protagonista educacional e social.

Nessa perspectiva professores e alunos se reconhecem como sujeitos participantes ativos de uma cultura que ao mesmo lhe constitui e é reconstituída por eles. Valoriza-se nesta, o encontro e o reencontro em cada relação/ação presente neste mundo globalizado e interconectado e que, ao mesmo tempo, nos remete a construir e valorizar cada sujeito na sua singularidade/subjetividade.

A análise sobre a cultura, e o reconhecimento de sua interferência na formação integral do ser humano, nos chama a atenção para a compreensão e aceitação ao diferente. A estrutura humana nos exige envolvimento bem como reconhecimento, pois nesta reestruturação de identidade, os fragmentos necessitam ser observados e compreendidos, para serem então acolhidos e envolvidos.

Parece utópico não? Mas até quando viveremos sonhando com esta estrutura escolar e curricular? Quando iremos conseguir vivenciar um currículo que nos permite valorizar as diferenças culturais e trabalhar com elas? Como trabalhar o conhecimento poderoso,⁴ ultrapassando as barreiras escolares e curriculares? Quando conseguiremos cruzar as fronteiras, e realmente ensinar significativamente?

Pensar em reestruturação curricular e valorização cultural é uma discussão ampla e que nos faz refletir acerca da diferenciação do conhecimento escolar e o cotidiano, apresentada por Young (2007).

Acredito que a escola tem como objetivo básico trabalhar e desenvolver o conhecimento poderoso; a cidadania; a ética; a autonomia e a criticidade, entretanto penso que esta se “perde” ao trabalhar com estes conceitos e necessidades.

⁴ Conhecimento independente de contexto que é, pelo menos potencialmente, adquirido na escola.

O aluno não é de forma alguma uma folha em branca, e que entra para a escola sem nenhum conhecimento. Ao contrário este é um ser pensante, que já passou por vários âmbitos de aprendizagens e chega à escola com vários conhecimentos. O desafio do professor neste contexto é transformar o conhecimento construído no cotidiano em conhecimento poderoso. É essa capacidade que faz do professor um ser competente capaz de trabalhar significativamente a práxis pedagógica, tornando-se um gestor do currículo e não apenas alguém que dá aula.

A questão curricular também proporciona uma discussão interessante, pois este precisa desenvolver o aluno, possibilitando a ele “mudar de posição”, nesse sentido significa reconhecer que existem conhecimentos diferentes, pois “nem tudo pode ser aprendido em casa ou na rua”. (SAVATER 1998, p. 54)

Acredito que o currículo necessita levar em consideração o local e o cotidiano, que os alunos trazem para a escola, mas o conhecimento que estes têm nunca poderá ser a base para o currículo, pois “[...] não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição”. (YOUNG, 2007, p. 1297)

Nesse contexto, em minha opinião, o conhecimento poderoso só se tornará “poderoso” à medida que, ao valorizar o cotidiano o professor possibilite aos alunos “pular o muro”, visualizando possibilidade e aprendizagens diferenciadas, em que o equilíbrio entre o que sei e o que necessito saber, aconteça de maneira prazerosa, significativa e instigante. Nessa perspectiva os conteúdos necessitam ser trabalhados de maneira diferente e não como uma simples reprodução.

Ao trabalhar o conhecimento poderoso, a professora citada em parágrafos anteriores, necessitaria como movimento primeiro perguntar-se: como essa menina (aluno) aprende, repensando a partir de então sua prática, metodologia, colocações e exemplos, para que o conhecimento poderoso - no caso predicado e sujeito- necessário a ser ensinado, pudesse ser compreendido e internalizado pela aluna.

Entretanto o que presenciamos, observando escolas pelo Brasil a fora são problemas de aprendizagem, nos quais o problema muitas vezes está apenas no professor, que não soube mediar ou mesmo transmitir o conhecimento poderoso, que em determinados momentos torna-se doloroso.

Muito bem frisa Guillot (2008, p.25) ao descrever que “[...] ensinar não se reduz a saber fazer diante de seus alunos, mas a *saber fazer com que estes façam.*” Saber fazer

com que a aluna entenda predicado e sujeito, vai além de dominar conceitos e conteúdos, passa pela ressignificação e compreensão do processo de ensino aprendizagem. Significa conhecer, entender, criar situações propícias ao desenvolvimento humano, escolar e social.

Essa significação envolve estudo, quebra de paradigmas e mudanças multidimensionais no que tange objetivos, habilidades, competências, filosofias, crenças e comportamentos. Significa aceitar e agir frente às diferenças, dispondo-se a visualizar a classe/ alunos como um todo dissociável, onde as partes aprendem de maneiras diferentes e formam um todo heterogêneo.

Essa ressignificação, quebra de paradigmas e abertura para o novo olhar, pode e necessita acontecer em conjunto, onde professores/colegas auxiliam-se na tarefa de compreender as novas e intensas possibilidades educativas, pois “[...] uma reflexão compartilhada com colegas permite se distanciar melhor de uma experiência ainda muitas vezes solitária, em que se faz “seu melhor”.” (GUILLOT, 2008, p. 123).

A professora para conseguir ensinar, predicado e sujeito, significando o conteúdo a aluna, poderia e porque não, comentar, buscar ajuda, ideias e possibilidades junto aos seus colegas. Certamente novas ideias iriam surgir, na busca pelo falar, fazendo-se entender.

Em muitos casos, o problema como nos relata Guillot (2008, p. 121) é o isolamento pedagógico, o qual pelo “[...] pudor e medo do julgamento confinam frequentemente o professor em uma solidão que pode ser um “esplêndido isolamento”, mas também um sofrimento interior.” O professor nesse contexto perde a essencial principal de sua função, reduzindo-se a função de mero transmissor de conteúdos, dos livros para os alunos, tornando-se, pelo medo de ser julgado, um ser rígido e arredo, que muitas vezes “foge” das rodas de conversa e se tranca em um mundo de disciplinas e linearidade pedagógica.

Prensando sobre, torna-se importante questionar: Para onde vai o professor e esta escola gerida por ele? O que acontece com os alunos na busca pelo conhecimento poderoso/doloroso? O que fazer para mudar esse contexto educacional e profissional?

Poderíamos nesse momento discutir, levando em consideração a colocação dos gregos, no que diz respeito à função e diferenciação entre pedagogo e professor.

⁵Entretanto penso que tanto um quanto o outro necessitam interagir, ou melhor,

⁵ O pedagogo era um educador e sua tarefa era considerada de interesse primordial, ao passo que o professor era um simples instrutor e seu papel era considerado secundário. (SAVATER, 1998, p. 56)

necessitam buscar o equilíbrio na função educacional. Esse equilíbrio refere-se à necessidade de sermos pedagogos/professores o qual ensina valores e ao mesmo tempo conhecimentos instrumentais, até porque acredito que um não existe sem o outro, ambos se constituem na figura do educador, pois como muito bem nos coloca Savater (1998, p. 58) “[...] separar a educação da instrução é, além de indesejável, impossível, pois não se pode educar sem instruir nem vice-versa.”.

Por mais que várias discussões e mudanças estruturais em âmbito educacional tenham acontecido muitas ainda necessitam acontecer. A educação precisa ser pensada a nível nacional para que intencionalidades sejam valorizadas a ponto de permitir ao professor observar e agir em seu contexto. Penso que não só a escola, mas também o educador necessita reavaliar seu papel, repensando seu objetivo e ressignificando sua práxis educacional. Organizar-se diferente, pensar diferente e agir diferente são questões básicas para a reestruturação educacional, sem a qual muitos professores continuaram a caminhar sem rumo e alunos a ficar perdidos em meio a tantas explicações sem significados.

REFERÊNCIAS

GUILLOT, Gerard. **O resgate da autoridade em educação**. Porto Alegre, RS: Arnet, 2008.

HALL, S. A. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003, 7 ed.

MARQUES, Mario Osório. **Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2000.

SAVATER, Fernando. **O valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** In: Educação e Sociedade. Campinas. Vol 08. N 101, p. 1287-1302 set/dez. 2007.